

FUCAPE FUNDAÇÃO DE PESQUISA E ENSINO

ELEN SUELY CUNHA LOPES DE SOUZA

**AGRESSIVIDADE FISCAL, DESEMPENHO ORGANIZACIONAL E
CEO CONTADOR/FINANÇAS**

**VITORIA
2020**

ELEN SUELY CUNHA LOPES DE SOUZA

**AGRESSIVIDADE FISCAL, DESEMPENHO ORGANIZACIONAL E
CEO CONTADOR/FINANÇAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, da Fucape Fundação de Pesquisa e Ensino, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis - Profissional

Orientador: Dr. Valcemiro Nossa

**VITORIA
2020**

ELEN SUELY CUNHA LOPES DE SOUZA

**AGRESSIVIDADE FISCAL, DESEMPENHO ORGANIZACIONAL E
CEO CONTADOR/FINANÇAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Fucape Fundação de Pesquisa e Ensino, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis.

Aprovada em 06 de Abril de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof° Dr.: Valcemiro Nossa
Fucape Fundação de Pesquisa e Ensino

Prof° Dr.: Silvania Neri Nossa
Fucape Fundação de Pesquisa e Ensino

Prof° Dr.: Francisco Antônio Bezerra
Fucape Fundação de Pesquisa e Ensino

Dedico este trabalho ao meu Pai *in memoriam* por tudo que me ensinou, pelo caráter, pela coragem e força de nunca desistir. Sei que por este momento, você também é responsável!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar ao meu Deus pela benção de me conceder a oportunidade, a força e a coragem de enfrentar esse desafio que foi o período do Mestrado.

À minha doce e amável família, Lucio (esposo), Bruno e Ana Beatriz (filhos amados) pela compreensão na ausência. À minha mãe pela força e disponibilidade em ajudar sempre que necessário fosse. Aos meus irmãos, Cunhadas e Sobrinhos por torcerem por mim. Ao meu pai (*in memoriam*) minha eterna gratidão e amor.

Aos amigos pela força e por acreditarem que eu seria capaz. Aos colegas e professores do curso de Mestrado da Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças, pelo convívio e aprendizado.

Aos meus orientadores Profa Dra. Silvania Nossa e Prof. Dr. Valcemiro Nossa, pela compreensão, colaboração e ensinamento em todo o processo de construção desta pesquisa

“Prefiram a minha instrução à prata, e o conhecimento ao ouro puro, pois a sabedoria é mais preciosa do que rubis; nada do que vocês possam desejar compara-se a ela”.

(Provérbios 8:10-11)

RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar se a agressividade fiscal (ETR, CashETR, BTD e TTVA) das empresas é afetada positivamente pelo desempenho (ROA) organizacional quando o CEO tiver formação em contabilidade ou finanças em comparação àquelas que não têm CEO com formação na área. O estudo de natureza descritiva com abordagem quantitativa analisou dados de empresas brasileiras listadas na bolsa de valores B3 utilizando a análise de regressão em painel, no qual o grupo de empresas de CEO com formação em contabilidade ou finanças fez parte do grupo de tratamento enquanto as demais empresas compuseram o grupo de controle. Para mitigar a endogeneidade por ausência de variável relevante fez-se uso de variáveis de controle tais como Tamanho (SIZE), Alavancagem (LEVE) e a Intensidade de Capital Imobilizado (PPE) e o Gerenciamento de Resultado (GR). Foram analisadas 723 amostras de empresas brasileiras listadas na B3 no período de 2013 a 2018. Os resultados encontrados mostram uma relação estatisticamente significativa da agressividade fiscal com o desempenho (rentabilidade). Os resultados desta pesquisa evidenciam ainda que a agressividade fiscal é menos intensa quando há presença de CEO contador ou da área de finanças, pois empresas com desempenho mais alto e com CEO contador são menos agressivas tributariamente.

Palavras-chave: Agressividade Fiscal; Desempenho; Lucratividade e Rentabilidade; CEO Contador; Valor Agregado

ABSTRACT

This research aimed to analyze whether the fiscal aggressiveness (ETR, CashETR, BTM and TTVA) of companies is positively affected by organizational performance (ROA) when the CEO has a background in accounting or finance compared to those that do not have a CEO with training in the area. The descriptive study with a quantitative approach analyzed data from Brazilian companies listed on the B3 stock exchange using panel regression analysis, in which the group of CEO companies with training in accounting or finance was part of the treatment group while the other companies made up the control group. To mitigate endogeneity due to the absence of a relevant variable, control variables such as Size (SIZE), Leverage (LIGHT) and Fixed Capital Intensity (PPE) and Earnings Management (GR) were used. 723 samples of Brazilian companies listed on B3 from 2013 to 2018 were analyzed. The results found show a statistically significant relationship between aggressiveness through the metrics of ETR, BTM and TTVA with performance. The results of this research also show that the tax aggressiveness is less intense when there is the presence of an accountant or finance CEO, because companies with higher performance and with an accountant CEO are less tax aggressive.

Key words: Aggressive Tax; Performance; Profitability and profitability, CEO Accountant; Value Added

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1. AGRESSIVIDADE FISCAL.....	12
2.2. DESEMPENHO.....	15
2.3. CEO e AGRESSIVIDADE FISCAL.....	18
2.4. DESEMPENHO, CEO e AGRESSIVIDADE FISCAL.....	20
3. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	22
3.1. POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	22
3.2. TESTES E ANALISES DE REGRESSÃO	23
3.3. DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS.....	24
3.3.1 Dependentes	25
3.3.2 Independentes	30
3.3.3 Controle	29
3.3.4 Quadro das Variáveis	32
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	33
4.1. RESULTADO ESTATÍSTICA DESCRITIVA	33
4.1.1. Teste de Diferença de Médias	35
4.2. CORRELAÇÃO UNIVARIADA	35
4.1. RESULTADO MODELO DE REGRESSÃO	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	46

Capítulo 1

1. INTRODUÇÃO

A formação do Contador e/ou profissional da área de finanças traz consigo habilidades que podem permitir ao CEO dessas áreas se utilizarem de tais habilidades na gestão fiscal das empresas para influenciar de forma positiva a sua agressividade tributária. Os autores Grounopoulos, Loukopolos e Loukopolos, (2019) evidenciaram em seu estudo, a importância e influência da formação do CEO em vários resultados organizacionais, tais como inovação, estratégias e desempenho organizacional.

A agressividade fiscal ou tributária, segundo Halioui, Neifar e Ben Abdelaziz (2016) pode ser entendida como um comportamento de gestores que reduz a carga tributária das empresas para promover seus próprios interesses; ou ainda, uma forma de explorar situações de incertezas e ambiguidade da legislação tributária, aplicando-as de forma vantajosa no processo de gerenciamento fiscal reduzindo sua carga tributária e, aumentando sua performance e valor da empresa (Beuselink, Blouin & Guay, 2018; Tang & Firth, 2011; Goncharov & Zimmermann, 2005).

Observou-se em outras literaturas (nacional e internacional) a relação da agressividade fiscal com a performance positiva das empresas, indicando que esta pode ser alcançada por meio do planejamento fiscal responsável pela evidência dos custos tributários que impactam na liquidez e rentabilidade das empresas (Araújo & Leite Filho, 2019; Siqueira, Kury & Gomes, 2016; Tang & Firth, 2011; Hanlon, Maydew & Saavedra, 2017).

Baseado nessas discussões, este estudo propôs como questão de pesquisa: a agressividade fiscal é afetada positivamente pelo desempenho organizacional

considerando o contexto no qual o CEO tem formação na área de contabilidade ou finanças?

Como diferencial este estudo buscou analisar a agressividade fiscal e o desempenho das empresas, adicionando à pesquisa, o contexto em que a empresa tiver CEO com formação em contabilidade/finanças.

A relevância do estudo, baseou-se na importância da atuação do profissional da área contábil ou finanças no gerenciamento do estudo da carga tributária no ambiente organizacional uma vez que, segundo Araújo e Leite Filho (2019) esta pode ser entendida como uma das principais causas do desestímulo do nível de novos investimentos, desfavorecendo assim, a produção de bens da economia e prejudicando o crescimento de renda do país.

Assim, o estudo objetiva analisar se a agressividade fiscal das empresas é afetada positivamente pelo desempenho organizacional quando o CEO tiver formação em contabilidade ou finanças em comparação àquelas que não têm CEO com formação na área.

Para alcançar o objetivo proposto o estudo tem natureza descritiva com abordagem quantitativa e analisou dados de empresas brasileiras listadas na bolsa de valores B3 utilizando da análise de regressão em painel, no qual empresas que tiveram CEO com formação em contabilidade ou finanças fez parte do grupo de tratamento enquanto que as demais empresas compuseram o grupo de controle.

Justifica-se esta pesquisa pela contribuição literária, evidenciando a relação de interação da agressividade fiscal com desempenho das empresas face a formação do CEO em contabilidade/finanças. Quanto às contribuições práticas, essas recaem sobre resultados que possam evidenciar aos Contadores e profissionais da área em

exercício, sobre a importância da aplicação e apreciação de práticas positivas do planejamento tributário que devem buscar a redução da renda tributável de modo a inferir em maior desempenho organizacional.

Após análise e tratamento dos dados coletados, os resultados desta pesquisa evidenciam que a agressividade fiscal independe de a empresa ter um CEO contador ou da área de finanças, mas empresas com desempenho mais alto são menos agressivas tributariamente quando se olha para BTDR variáveis utilizadas como proxies de agressividade tributária. Porém, as empresas com melhor desempenho têm maior nível de agressividade fiscal.

O estudo trouxe no capítulo seguinte, a fundamentação teórica acerca da agressividade fiscal, desempenho, o papel e a formação do CEO. No Capítulo 3 foram discriminados os aspectos metodológicos do estudo. No capítulo 4 a análise dos resultados. No capítulo 5 considerações.

Capítulo 2

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 AGRESSIVIDADE FISCAL

A agressividade fiscal pode ser entendida como uma prática lícita da redução deliberada no rendimento tributável por meio de atividades de planejamento fiscal, cabendo ao gestor assumir os riscos na hora de pagar mais ou menos impostos, essa decisão afeta o desempenho de qualquer empresa, visto que os tributos representam um custo impactante no resultado da empresa e para os acionistas. (Araújo & Leite Filho, 2019; Hanlon, Maydew & Saavedra, 2017; Hasan, Wu & Yan, 2014; Ramalho & Martinez, 2014).

Para a literatura, a redução da base de incidência de tributos são ações geridas pela gestão tributária por meio de um eficiente e eficaz planejamento tributário, proporcionando melhor desempenho organizacional e, garantindo continuidade e competitividade empresarial (Martinez & Reinders, 2018, Quirino, Moreira, Melo & Mól, 2018, Siqueira, Cury & Gomes, 2011).

Araújo e Leite Filho (2019) afirmam que um bom planejamento tributário, pode ser usado como estratégia empresarial competitiva ao fazer conhecer os tributos incidentes sobre a renda, que por sua vez, diminuem o fluxo de caixa disponível para reinvestimento.

Segundo Blouin (2014), o planejamento tributário tende a proporcionar práticas mais agressivas, buscando dentro da legalidade promover maior agressividade fiscal, o que deve ser observado quanto ao limite entre o esforço para redução da carga

tributária por meio de planejamento tributário não abusivo e o que seria caracterizado de uma agressividade tributária excessiva.

Segundo Araújo e Leite Filho (2019), a rigidez na regulamentação tributária é um dos fatores que pode comprometer o desempenho organizacional das empresas gerando desvantagem competitiva, desestímulo de investimentos internos, e afetando a eficiência econômica do país. Esse entendimento é corroborado por Tang e Firth (2011) que afirmam ser os impostos fator decisivo na formação do preço de venda, por sua vez impactam o resultado da empresa influenciando diretamente o desempenho organizacional (liquidez e rentabilidade).

De acordo com a literatura sobre a agressividade fiscal, citamos Chen e Lin (2017) que investigaram se empresas com planejamento tributário agressivo tendem a um ambiente de informações menos transparente, enfrentando um *trade-off* entre benefícios fiscais e transparência financeira; Martinez & Ramalho (2017), evidenciaram a relação do nível de agressividade fiscal de empresas com Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), evidenciando que empresas que compõem o ISE tendem a ser menos agressivas tributariamente face àquelas que não participam; Araújo e Leite Filho (2019) investigaram o reflexo do nível de agressividade fiscal sobre a rentabilidade.

Como proxies de agressividade estudos evidenciam diversas métricas, entre elas a *Effective Tax Rate (ETR)*, *CashETR*, *Book-Tax Differences (BTD)*, Carga tributária divulgada na Demonstração do Valor Adicionado (TTVA) baseadas na literatura de Araújo e Leite Filho (2019); Chiachio e Martinez (2019 – 2018); Hanlon, Maydew e Saavedra (2017); Martinez e Renders (2018); Antunes e Martinez (2018); Motta e Martinez (2015); Higgins, Omer e Phillips (2015); Chen et al., (2010).

A *Effective Tax Rate – ETR* esta pode ser utilizada como uma medida capaz de identificar a presença do gerenciamento tributário (Chen et al., 2010) ou o nível da agressividade fiscal praticada pelas empresas (Araújo & Leite Filho, 2019), serve para calcular a alíquota efetiva dos tributos sobre o lucro (Gomes, 2016).

A *CashETR (Cash Effective Tax Rates)* evidencia a taxa efetiva do pagamento dos tributos sobre o lucro e considerada os tributos efetivamente pagos sem considerar os impostos diferidos em função das diferenças tributárias (Araújo e Leite Filho, 2019; Chiachio & Martinez, 2019).

A *Book-Tax Difference (BTD)* é descrita por Chiachio e Martinez (2019) como a diferença entre o lucro contábil e o lucro tributário. Para Martinez e Ramalho (2017), essa diferença é decorrente das diferentes formas de apurações do lucro contábil que é obtido por meio da apuração das receitas menos custos e despesas, e o lucro tributário apurado a partir dos ajustes das adições e exclusões permitidas pela lei tributária vigente.

Outra proxy de agressividade e inteiramente brasileira é a carga tributária total sobre o lucro adicionado (TTVA) que abrange tanto os tributos sobre o lucro quanto os tributos incidentes sobre as vendas; seus dados são extraídos da Demonstração de Valor Adicionado (DVA), e tem o entendimento semelhante ao da ETR, ou seja, quanto menor, maior a agressividade da empresa.

Baseado em Laguir e Staglianó (2014) este estudo segue o entendimento de que a agressividade tributária pode ser um método capaz de reduzir os custos tributários de uma empresa aumentando seu resultado econômico e financeiro e, conseqüentemente a riqueza dos acionistas. Logo, percebe-se que literatura

demonstra uma relação direta das práticas de agressividade fiscal com o bom desempenho organizacional das empresas.

2.2 DESEMPENHO ORGANIZACIONAL

Um dos objetivos da atividade gerencial é melhorar o desempenho da organização na conquista de estratégias, podendo ser avaliada por sua implicação no desempenho da empresa, que, embora de longo prazo, deve ser enfatizada através da criação de vantagens competitivas (Noordin, Zainuddinb, Maild & Sarimane, 2015).

Higgins, Omer e Phillips (2015) estudaram a relação de estratégias de negócios com o planejamento tributário de empresas brasileiras de capital aberto, evidenciando que as estratégias de negócios influenciam tanto o nível de evasão fiscal (quanto de imposto foi evitado) quanto o grau de agressividade fiscal, ou seja, o planejamento tributário de uma empresa é influenciado por sua estrutura e desempenho organizacional.

O desempenho das empresas pode ser evidenciado por meio dos resultados de processos de quantificação da eficiência e eficácia das empresas, sendo esta referendada por meio da coleta, análise e interpretação dos dados obtidos, identificando falhas organizacionais e proporcionando informações importantes para o processo de tomada de decisão (Oliveira et al., 2017; Melnyk, Bititci, Platts, Tobias & Andersen, 2014).

A medição do desempenho empresarial, embora tenha múltiplas dimensões, pode ser verificada pela variável do retorno sobre ativos (ROA) sendo este um dos indicadores mais importante de rentabilidade uma vez que evidencia a eficiência operacional da empresa na geração de lucro a partir de seus ativos (Araújo & Leite

Filho, 2019; Lennox, Lisowsky & Pittman, 2013; Oyadamari, Frezatti, Mendonça Neto, Cardoso & Bido, 2011.

Para Tang e Firth (2011) a rentabilidade de uma empresa ocorre com a diminuição dos custos dos impostos, e esta diminuição, pode ser observada nas práticas de gerenciamento tributário mais agressivo, uma vez que altas taxas de impostos corroboram com baixo desempenho, ou seja, os encargos tributários impactam negativamente sobre o retorno do investimento e reduzem o fluxo de caixa das empresas.

Portanto, a partir do entendimento de que o desempenho possa ser reflexo da agressividade fiscal das empresas, define-se a primeira hipótese do trabalho:

H1: As Empresas mais rentáveis possuem em média maior agressividade fiscal.

2.3 CEO CONTADOR/FINANÇAS E AGRESSIVIDADE FISCAL

Analisar as características do gestor executivo (CEO), é fator importante face a influência que ele exerce sobre a tomada de decisão (Dyreg, Hanlon & Maydew, 2010). A formação do CEO pode implicar em uma maior sinalização de desempenho organizacional pela habilidade com que trata as informações fiscais, econômicas e tributárias (Gounolopoulos, Loukopoulos & Loukopoulos, 2019).

Na literatura brasileira são evidenciados diversos estudos envolvendo o papel do CEO no desempenho das empresas, e no nível da agressividade fiscal, dentre os quais cita-se Silva e Martinez (2017) que evidenciam sobre restrição financeira e agressividade fiscal, e constataram que há pelo menos uma razão pela qual os CEOs e CFOs decidem envolver-se em planejamento tributário agressivo: aumentar os

valores da carteira de opção por meio de uma maior tomada de gestão arriscada. Antunes & Martinez (2018); Gomes (2016) e Madalozzo (2011) são estudos que buscaram relacionar a presença de CEO e CFO nas empresas com agressividade fiscal, onde analisou-se o perfil, a função, o gênero e, as idades como fatores que podem influenciar diretamente o nível da agressividade fiscal praticada por cada empresa.

A nível internacional pode-se citar Dyreng, Hanlon & Maydew (2010) e Hoitash, Hoitash & Kurt (2016), estudos que buscaram estudar sobre a formação e as características individuais dos CEO's como outros fatores que influenciam em práticas de agressividade fiscal; Diretores financeiros (CFOs) com formação em contabilidade (CFOs contador) estão associados com resultados corporativos mais conservadores e, de forma positiva esses executivos com formação em contabilidade podem contribuir para os trabalhos do CEO e do conselho no processo de tomada de decisões corporativas com dados necessários para a realização de análise financeira, ou seja, .

Baseado no resultado das pesquisas de Hoitash, Hoitash & Kurt (2016), os quais evidenciaram um resultado onde CFO's com formação acadêmica de contador, apresentaram uma maior eficiência de custos; adicionalmente, afirma o autor que as empresas procuram diretores que têm mais do que apenas contabilidade em sua formação por estarem associados com mais elevada qualidade em seus relatórios financeiros.

Com base nos estudos acima mencionados, observou-se a importância do papel do CEO no processo da otimização dos tributos, no caso da agressividade fiscal, e no desempenho empresarial e que essas habilidades requerem um conhecimento específico promovido por sua formação.

Logo, baseado ainda na afirmativa de Custódio e Metzger (2014) de que há evidências de que diretores executivos (CEOs) têm estilos particulares de gestão e que eles são importantes para o desempenho corporativo define-se a segunda hipótese desta pesquisa:

H2: A presença do CEO contador/finanças está associada a uma maior agressividade fiscal.

2.4 DESEMPENHO X CEO CONTADOR/FINANÇAS E A AGRESSIVIDADE FISCAL

A inovação tecnológica, o desempenho da economia e a acirrada competitividade, moldam o mundo corporativo com a rapidez com que se processam as mudanças, buscando melhoria constante no desempenho das organizações e estratégias que sirvam para minimizar impacto causado pelas forças competitivas (Silveira, Michelin & Siluk, 2017).

Para Gounopoulos, Loukopoulos e Loukopoulos (2019) a competitividade do mercado faz com que as empresas utilizem sistemas de gestão e medição de desempenho alinhado às suas estratégias. No entanto, a experiência executiva é considerada como uma influência positiva sobre esse desempenho.

No estudo de Laglir e Staglianò (2014) foi verificada a influência dos CEOs no gerenciamento da agressividade tributária pautados no entendimento da teoria de responsabilidade social corporativa que argumenta que os CEOs evitam o investimento em agressividade fiscal, pois, embora uma corporação exista principalmente para aumentar o valor do acionista, ela também deve satisfazer as necessidades de seus outros *stakeholders*. O resultado encontrado nas empresas italianas foi de que CEO apresenta menor envolvimento da agressividade fiscal.

Custódio e Metzger (2014) afirmam que CEOs especialista em finanças são capazes de buscar investimentos em condições de maior sensibilidade ao corte de impostos de dividendos e ganhos de capital.

Degenhart, Martins e Hein (2017), estudaram a relação do desempenho financeiro (ROA) com a remuneração dos diretores executivos e evidenciaram em seus resultados uma relação estatisticamente significativa e positiva com a remuneração dos executivos das empresas brasileiras de capital aberto da amostra, inferindo que quanto maior a remuneração dos executivos, mais elevado é o resultado financeiro das empresas.

Portanto, busca-se verificar se há uma relação da presença do CEO Contador/finanças com desempenho organizacional das empresas com o nível de agressividade fiscal praticado, para tanto, define-se a terceira hipótese desta pesquisa:

H3: Empresas com CEO Contador/finanças e que têm desempenho mais alto apresentam mais agressividade fiscal.

Capítulo 3

3. METODOLOGIA

3.1 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A presente pesquisa é caracterizada como descritiva e quantitativa tendo como amostra empresas listadas na B3 no período de 2013 a 2018. Os dados financeiros do estudo foram extraídos da base de dados Economatica e os não financeiros coletados nos Formulário de Referência das empresas. Dados da DVA foram coletados de cada empresa manualmente. Após a coleta, os dados foram organizados em uma regressão múltipla do tipo em painel (*differences in differences*), no qual o grupo de empresas com CEO com formação em contabilidade ou finanças fez parte do grupo de tratamento e as demais empresas compuseram o grupo de controle

Descrição	Quantidade
Números iniciais de observações	2216
(-) Perdas por Lucro/Ativo menor que zero	576
(-) Exclusão de empresas do setor financeiro	402
(-) Perda por valores faltantes	515
(=) Quantidade de Observações Utilizadas	723

Quadro 1: Processo de formação e composição da amostra

Fonte: Desenvolvido pela autora

Da amostra inicial foram eliminadas as empresas com prejuízo antes dos tributos pois as mesmas podem tê-lo compensado com lucro tributável de um ano lucrativo posterior, subestimando o resultado do gerenciamento tributável; e aquelas que não dispunham dos dados necessários para se computarem as variáveis utilizadas nas análises e, as empresas financeiras tendo em vista a peculiaridade de seus tributos.

3.2 TESTES E ANÁLISE DE REGRESSÃO

Para análise desta relação se utilizou o teste de média, com análise de regressão em painel. A amostra foi dividida em dois grupos, sendo um grupo de tratamento (empresas com CEO Contador/Finanças) e um grupo de controle (as demais). Foi estabelecido o teste de Hausman para analisar a melhor opção na utilização de modelos com efeitos fixos versus efeitos aleatórios, o qual indicou o modelo com efeito fixo para toda a regressão das variáveis do modelo proposto.

As hipóteses testadas para o modelo proposto foram:

H1: Empresas mais lucrativas possuem em média maior agressividade fiscal.

H2: A presença do CEO contador/finanças está associada a uma maior agressividade fiscal

H3: Empresas com CEO Contador/finanças e que têm desempenho mais alto apresentam mais agressividade fiscal.

A relação da agressividade fiscal das empresas com desempenho e presença de CEOs com formação em contabilidade/finanças foi definido na equação 1:

$$AGF_{it} = \beta_0 + \beta_1 Desemp_{it} + \beta_2 CeoCont_{it} + \beta_3 CeoDesemp_{it} + \sum Controles_{it} + \varepsilon_{it} \quad (1)$$

Sendo:

AGF_{it} = Agressividade Fiscal é a variável explicada medida pelas proxies da ETR (e CashETR), BTD e TTVA, da empresa i no tempo t .

β_0 = intercepto da regressão

Desemp = variável de interesse medido pelos indicadores ROA

CeoCont = variável explicativa que tem o objetivo de evidenciar a formação do CEO, constituída por uma *dummy*, onde se atribuirá 1 para os CEOs formados em contabilidade ou finanças, e 0 para as demais formações.

CEOCont X Desemp = variável que representará o resultado da interação das variáveis CEOContador/Finanças e Desempenho (lucratividade e rentabilidade) com a Agressividade Fiscal.

$\sum \text{Controles}_{it}$ = variáveis de controle (tamanho das empresas, alavancagem, setor, Intangível, PPE e Gerenciamento de Resultados)

ε_{it} = representa o termo de erro do modelo.

Dessa forma, os coeficientes β_1 e β_2 , buscaram evidenciar o efeito da presença do CEO Contador/Finanças e do Desempenho sobre a Agressividade Fiscal, confirmando ou não as hipóteses H₁ e H₂. O coeficiente β_3 buscou verificar a relação de interação da presença do CEO contador com o Desempenho sobre o nível da Agressividade Fiscal das empresas brasileira listadas na B3, confirmando ou não a hipótese H₃.

3.3 DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS

3.3.1 Dependente

Segundo Balakrishnan, Blouin e Guay (2019) várias medidas de agressividade fiscal são utilizadas pela literatura, onde cada proxy tem suas limitações, e nenhuma medida bem aceita de agressividade evoluiu. Para atender aos objetivos propostos na pesquisa, a agressividade foi considerada como a variável dependente, usando as proxies da ETR, *CashETR*, BTD e TTVA.

A *Effective Tax Rate* – ETR utilizada para captar a efetiva alíquota de tributos, podendo esta indicar o nível de agressividade fiscal, ou da eficiência do gerenciamento tributário utilizado pelas empresas (Araújo & Leite Filho, 2019; Hanlon, Maydew & Saavedra, 2017).

O cálculo da ETR é obtido pela divisão das despesas totais com os tributos sobre o lucro antes dos impostos, traz como premissa que quanto menor a ETR, maior é a agressividade fiscal praticada pela empresa, resultado em maior nível de fluxo de caixa, maior remuneração ao acionista, maior desempenho (Chiachio & Martinez, 2019; Martinez & Renders, 2018; Araújo & Leite Filho, 2019; Laguir & Staglianò, 2014; Hanlon & Heitzman, 2010; Chen et al., 2010).

No Brasil, o percentual legal máximo dos impostos sobre o lucro pode chegar até 34%, portanto, empresas com ETR abaixo de 34%, provavelmente utilizam de gerenciamento tributário e nesta pesquisa, seguindo Gomes (2016) o gerenciamento tributário nas empresas considerou a ETR estatisticamente menor que as alíquotas nominais dos tributos sobre o lucro.

A ETR será utilizada na presente pesquisa, com o objetivo de identificar o nível de agressividade fiscal e, adicionalmente, analisar sua relação com a rentabilidade e lucratividade (medidas do desempenho organizacional), sabendo-se que a carga tributária elevada implica em baixo desempenho, e menos vantagem competitiva (Araújo & Leite Filho, 2019).

A *Cash Effective Tax Rate* (CashETR) é considerada uma medida relevante na identificação da eficiência de gerenciamento tributário, representando os tributos efetivamente pagos, e tende a evitar o efeito da superavaliação de despesas com impostos correntes (Quirino et al., 2018; Chiachio & Matinez, 2018; Balakrishnan, Blouin, & Guay, 2018; Chen & Lin, 2017). Seu cálculo baseia-se na divisão dos tributos pagos sobre o lucro antes do imposto de renda (Tributos Pagos / LAIR) (Araújo & Leite filho, 2019).

A *Book-Tax Differences – BTD*, calculada pela diferença entre o lucro antes dos impostos e o lucro tributável (Tang & Firsth, 2011; Chiachio & Martinez, 2019 - 2018; Martinez & Renders, 2018). O entendimento dessa métrica é de que quanto maior (positiva) ela for, mais agressiva é a empresa, ou seja, o resultado financeiro é maior que o resultado tributário, indicando um excedente financeiro e, BTD negativa quando for o inverso, ou seja, o resultado contábil for menor que o resultado tributável (Heltzer, 2009).

A quarta métrica é a TTVA (Carga tributária divulgada na Demonstração do Valor Adicionado) que abrange não apenas os tributos sobre o lucro, mas também os tributos sobre o faturamento (Chiachio e Martinez, 2018), o entendimento desta métrica é o oposto da BTB, quanto menor a TTVA, mais agressiva é a empresa (Chiachio e Martinez, 2019).

A TTVA foi calculada conforme equações 2 e 3, descritas abaixo:

$$TTVA = \frac{\text{Carga tributária total na DVA}}{\text{Valor adicionado total}} \quad (2)$$

$$CASHETR = \frac{\text{Imposto a pagar}_{t-1} + \text{Tributos DVA} - \text{Impostos a pagar}_t}{\text{Fluxo de Caixa Operacional}} \quad (3)$$

3.3.2 Independentes

Segundo Martinez e Ramalho (2017), diferentes variáveis independentes podem ser utilizadas no sentido de prever o valor de uma variável dependente. As variáveis independentes utilizadas neste trabalho são respectivamente ROA e Ebitda como proxies de desempenho organizacional sobre as perspectivas de rentabilidade e lucratividade, respectivamente, e a variável CEO Contador que tende a evidenciar a formação ou não em contabilidade ou finanças desses executivos.

O Roa, é utilizado pela literatura que aborda o planejamento tributário, como uma proxy eficiente evidenciada a partir do cálculo da divisão do lucro líquido pelo ativo total do ano anterior (Degenhart, Martins & Hein, 2017; Higgins, Omer & Phillips, 2015; Shipman, Swanquist & Whited, 2017).

A variável CEO Contador é variável utilizada como *dummy*, onde será utilizado 1 para empresas com CEO formado em Contabilidade ou Finanças, e 0 para as demais formações. Esta variável, se deu a partir dos estudos de Hoitash et al. Kurt, 2016; Naranjo et al., 2009, que verificaram a importância, perfil e atuação de CEOs no desempenho das empresas.

3.3.3 Variáveis de Controle

As variáveis de Controle adicionadas à equação, segundo Chiachio e Martinez (2018) seguem no intuito de tornar a amostra mais homogênea . Nesta pesquisa utilizamos como uma das variáveis de controle tamanho (SIZE), sugerindo que o tamanho das empresas é um determinante de agressividade fiscal conforme utilizada por Chiachio e Martinez (2019, 2018); Araújo e Leite Filho (2019).

A segunda variável de controle utilizada, foi a Alavancagem considerada uma variável capaz de representar a busca pelos benefícios fiscais da dedução dos juros sobre a dívida com terceiros, vislumbrando a ampliação de sua rentabilidade (Araújo & Leite Filho, 2019). Pesquisas evidenciam que, quanto maior a agressividade fiscal corporativa, maior é a tendência das empresas de recorrerem a recursos de terceiros para financiarem suas atividades (Chiachio & Martinez, 2019; Hanlon & Heitzmam, 2010).

Outra variável de controle, é o PPE - Intensidade de Capital Imobilizado - segundo Araújo e Leite (2019) e Chiachio e Matinez (2018) o investimento em imobilizado impacta o montante de tributos devido a benefícios fiscais e depreciação, sendo assim essa variável podem afetar o nível da agressividade fiscal da empresa.

Segundo Araújo e Leite Filho (2019), as características intrínsecas de cada setor de atuação podem influenciar na análise da carga tributária foi incluído também como variável de controle.

Outra variável de controle utilizada foi o Gerenciamento de Resultados por meio da proxy de *accruals* discricionários calculados pelo modelo de Jones Modificado. No modelo de Jones Modificado, estima-se a regressão abaixo por período e por setor, salvando o resíduo de cada regressão, conforme demonstrado nas equações 4 e 5 abaixo.

$$ACC = \partial_0 \frac{1}{AT} + \partial_1 \frac{VarVendas}{AT} + \partial_2 \frac{IMOB}{AT} + \varepsilon \quad (4)$$

Onde,

$$ACC = (\Delta ATIVO_C - VLC) - (\Delta PASSIVO_C - \Delta DIV_CP) - DEP / ATIVO_T_{t-1} \quad (5)$$

3.4 QUADRO DAS VARIÁVEIS

Para uma melhor compreensão do modelo, procurou-se descrever cada variável a ser utilizada na regressão proposta pelo estudo, observadas na equação 1.

No quadro 2 apresentamos a descrição das variáveis de interesse da pesquisa, apresentando suas definições conforme literatura, fontes e dados da fonte de coleta de cada uma.

Variável	Proxies	Descrição	Literatura	Fonte Dados
Agressividade Fiscal	BTD	Reflete o lucro contábil menos o lucro tributável Cálculo: $BTD = (LAIR - (desp\ IRPJ\ e\ CSLL/0,34) / AT)$	Tang e Firth (2011); Chiaccio e Martinez (2019); Matinez e Renders (2018); Gomes (2016)	Economática
	ETR	Reflete a taxa efetiva de imposto pago, atrelado ao lucro antes do imposto. Cálculo: $(IR + CSLL) / LAIR$	Araujo e Leite Filho (2018); Chen e Lin, C. (2017); Halioui, Neifar e Ben Abdelaziz (2016) Waegenare, Sansing e Wiel-houwer (2015);	Economática
	CashETR	Tributos sobre os Lucros Totais Pagos / LAIR. Quanto maior a ETR menos agressiva é a empresa	Martinez e Chiachio (2018); Chen e Lin, (2017); Balakrishnan, Blouin, e Guay (2018); Quirino et al., (2018)	Economática
	TTVA	Calculada pela fórmula: Carga Tributária Total na DVA / Valor Adicionado total. Quanto menor a TTVA mais agressivas é a empresa	Martinez e Chiachio (2018)	DVA das empresas
Desempenho	ROA	ROA indicador de rentabilidade calculado pela formula LL/AT	Higgins, Omer e Phillips (2015); Shipman, Swanquist e Whited (2017)	Economática
de Interação	CeoCont	Variável <i>dummy</i> , onde 1 presença de Ceo's Contador/Finanças e 0 para os demais formações acadêmicas	Balakrishnan, Blouin, e Guay (2018)	Formulário de Referência
	CeoContador x ROA	Variável de verificação da relação da presença do CEO Contador/Finanças com a rentabilidade	Francis et al., (2014); Custódio e Metzger (2014); Rego e Wilson, (2012); Balakrishnan, Blouin, e Guay (2018);	
Variáveis de Controle	Tamanho Firma "SIZE "	Logaritmo dos ativos totais da empresa i , no ano t ;	Chiaccio e Martinez (2018); Araujo e Leite Filho (2018); Matinez e Renders (2018); Chen e Lin (2017). Kubick e Lockhart (2016);	Economática
	Alavancagem "LEV"	Medida pela Dívida de longo prazo dividida pelo ativo do ano anterior r	Araujo e Leite Filho (2019); Chiachio e Martinez (2018); Chen e Lin, C. (2017); Martinez e Ramalho (2017)	Economática
	Setor	características intrínsecas que podem influenciar na análise da carga tributária das empresas.	Araújo e Leite Filho (2019), Quirino et al., (2018)	Economática
	PPE	Imobilizado dividido pelo ativo total do ano anterior.	Chiaccio e Martinez (2018); Araújo e Leite Filho (2019); Martinez e Ramalho (2017);	Economática

	INTANG	Ativo intangível; dividido pelo ativo total	Chen et al., (2010); Martinez e Ramalho (2017);	Economática
	GR	Usado por meio da proxy de <i>accruals</i> discricionários calculados pelo modelo de Jones Modificado, conforme equações 4 e 5	Dechow, Sloan e Sweeney (1995)	

Quadro 2: Descrição Das Variáveis Do Modelo Estatístico

Fonte: Elaborado pela autora

Capítulo 4

4. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

4.1 ESTATÍSTICA DESCRITIVA

A Tabela 1 apresenta a estatística descritiva das variáveis de interesse e das variáveis de controle do estudo. A amostra total do estudo é composta por 723 observações após exclusões e tratamento dos dados. Foi utilizado o estimador *winsor* para minimizar o efeito dos *outliers* a 1% em todas as variáveis da pesquisa.

TABELA 1: ESTATÍSTICA DESCRITIVA DAS VARIÁVEIS ESTIMADAS NO MODELO

Variáveis	n	Média	Des P	Min	Q1	Mdn	Q3	Max
Ceo	723	0,0636	0,244	0	0	0	0	1
ROA	723	0,0762	0,0695	0	0,0308	0,0629	0,0985	0,674
Ceo_Roa	723	0,0047	0,0324	0	0	0	0	0,674
Tamanho	723	15,02	1,740	10,33	13,79	15,20	16,20	20,51
Alavancagem	723	1,856	2,398	0,101	0,765	1,209	2,228	28,65
PPE	723	12,77	2,512	1,609	11,18	12,81	14,78	17,29
GR	723	0,0735	0,0785	0	0,0178	0,0498	0,103	0,633
ETR	723	0,239	0,557	-4,343	0,117	0,241	0,325	10,49
CashETR	723	-1,132	36,46	-980	0,0515	0,133	0,274	15,31
BTD	723	0,027	0,0545	-0,286	0,0035	0,0173	0,0396	0,829
TTVA	723	197,4	283,8	-920	0,307	162,9	323,9	4608

Nota: ETR, *CashETR*, BTD e TTVA são métricas de agressividade fiscal; ROA, de desempenho; LEV é alavancagem, SIZE é tamanho e PPE é a referência da intensidade de capital imobilizado, GR, gerenciamento de resultado; CEO é *dummy* usando-se 1 para empresas que apresentem CEO com formação em contabilidade ou finanças e 0 para demais casos.

Em relação às proxies de agressividade fiscal do estudo, observou-se os valores médios de 0,239 para ETR, -1,132 para o *CashETR*. O valor médio da ETR de 23% indica que os impostos pagos pelas empresas da amostra, se comportaram

abaixo da alíquota tributos de IR e CSLL, que pode chegar até 34%, conforme legislação brasileira, inferindo em um bom planejamento tributário.

Segundo Araújo e Leite Filho (2019) o nível de agressividade fiscal das empresas pode ser classificado em Alto ou Moderado baseado no percentual evidenciado da ETR, que, quando for menor que 34% implica em um nível “de planejamento fiscal agressivo moderado” uma vez que a taxa máxima do imposto de renda no Brasil é de 34%.

A média apresentada para BTM foi de 0,027 e de 197,4 para TTVA. O sinal positivo do coeficiente da BTM leva a entender que em média, todas as empresas da amostra possuem resultados financeiros superiores aos resultados tributários inferindo uma melhor gestão tributária.

O retorno sobre o ativo (ROA) exibiu uma média de 7,62%, as variáveis que apresentaram maior dispersão da média, em relação à mediana foram as variáveis de controle.

Entre as variáveis de controle, o tamanho da empresa (SIZE) apresentou variabilidade média de 15% indicando que a amostra é composta por empresas heterogêneas no tocante ao porte das mesmas.

4.1.1 Teste de Diferença de Média

Na Tabela 2, foram calculados os testes de diferença de médias das variáveis da pesquisa entre CEO com formação em contabilidade ou finanças com as variáveis de agressividade fiscal (ETR, *CashETR* e BTM). Desta forma, foram utilizadas nestes resultados as comparações do *t-testes* das médias.

TABELA 2: TESTE DE MÉDIA CEO CONTADOR/FINANÇAS
1 : Ceo Cont/Finan (46) 0: CEO outras Formações (677)

Variáveis	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Diferença	P-Valor
ETR	0,496	1,5281	0,2218	0,4138	-0,2747	0,0012
CashETR	0,2503	0,5484	-1,2255	37,6813	-1,4759	0,7907
BTD	0,2336	0,0545	0,0272	0,0556	0,0039	0,6374
TTVA	175,565	231,786	198,924	287,101	23,359	0.5894

Nota: Grupo 1 para CEO Contador/Finanças; Grupo 0 para CEO outras formações acadêmicas

No primeiro teste o p-valor é 0,0012 significativo podendo-se dizer que a um nível de confiança de 99% existe diferença de média entre os dois grupos de empresas com CEO formados em contabilidade e finanças para a ETR. O teste de media apresentado evidenciou a ETR maior para o grupo com CEO Contador/finanças do que para o grupo de CEO com outras formações. E com nível de confiança de 95%, pode-se afirmar que as demais proxies de agressividade fiscal (CashETR, BTD e TTVA) não existem diferenças estatisticamente significantes na agressividade fiscal de empresas com CEO Contador/Finanças.

4.2 CORRELAÇÃO UNIVARIADA

Abaixo, a Tabela 3 fornece a correlação univariada de Pearson das variáveis de interesse da pesquisa. Uma vez verificada a existência dessa correlação, prevê-se o comportamento de uma delas em função da variação da outra.

TABELA 3: CORRELAÇÃO UNIVARIADA DAS VARIÁVEIS DE INTERESSE

Variáveis	CEO	ROA	CEO_ROA	GR	tamanho	alavanc	PPE	ETR	cashETR	BTD	TTVA
CEO	1.0000										
ROA	-0.0064	1.0000									
CEO_ROA	0.5614***	0.3158***	1.0000								
GR	-0.0152	-0.0159	-0.0292	1.0000							
TAM	0.1221***	-0.2368***	0.0684*	-0.0956**	1.0000						
ALAV	-0.0066	-0.2097***	-0.0357	0.0496	0.2125***	1.0000					
PPE	0.0864**	-0.2793***	0.0074	-0.0907**	0.7032***	0.1653***	1.0000				
ETR	0.1204***	-0.0660*	-0.0005	-0.0128	0.0307	-0.0086	0.0154	1.0000			
CashETR	0.0099	-0.0168	0.0052	0.0240	0.0208	0.0206	0.0092	0.0022	1.0000		
BTD	-0.0176	0.4934***	0.0759**	-0.0428	-0.0263	-	-	-	-0.0088	1.0000	
TTVA	-0.0201	-0.0380	-0.0156	-0.0424	0.0366	0.0630*	0.0016	0.0352	0.0285	-	1.0000
										0.1930***	

Fonte: Desenvolvida pela autora

Como resultado das correlações das variáveis ao longo do tempo, observa-se que a Agressividade Fiscal por meio de suas métricas ETR e BTM apresentou correlação estatisticamente significativa com o desempenho (ROA). A ETR com o ROA, evidenciou-se um coeficiente negativo (-0,066) e com 90% de segurança, pode-se inferir que as empresas da amostra têm a interpretação de que quanto maior a ETR menor é o ROA, ou seja, o nível de tributos reduz em aproximadamente 7% a rentabilidade das empresas.

Quanto a BTM, verificou-se relação significativa e positiva com a rentabilidade (ROA). Segundo literatura, quando a BTM apresenta coeficiente positivo o entendimento é que haja, por parte das empresas, uma maior prática de agressividade fiscal levando a uma menor base de cálculo do imposto (IR e CSLL) a ser pago pela empresa, direcionando a empresa a um maior retorno. Com base nos resultados da Tabela 3 pode-se afirmar que em média para as empresas da amostra, quanto maior BTM maior desempenho elas apresentam.

A TTVA, porém, não apresentou correlação com o desempenho organizacional, porém evidenciou-se que seus coeficientes foram assemelhando-se ao resultado do coeficiente da ETR. Conforme esperado pela literatura, apresentou coeficiente negativo (-0,1930), ou seja, esse resultado é corroborado pela literatura de Motta e Martinez (2015) onde afirma que a TTVA é inversa a BTM, ou seja, quanto maior for a TTVA, maior é a agressividade fiscal das empresas.

Em relação as variáveis que demonstram a presença do CEO com formação em contabilidade ou finanças, a BTM apresentou uma correlação univariada com a variável de interação CEO_Roa, inferindo que a presença do CEO contador demonstra uma agressividade mais conservadora.

A variável CashETR não apresentou nenhuma relação significativa com a rentabilidade, porém, apresentou um coeficiente negativo com o ROA, o que era esperado pela literatura.

Em relação à correlação das variáveis de controle (alavancagem, e intensidade de capital imobilizado – PPE) verificou-se uma relação univariada forte (1% estatisticamente significativa) com BTD, porém com sinais de coeficientes negativos para as duas variáveis, sendo respectivamente -0,175 e -0,104. Essas correlações podem ser explicadas por entender que quanto mais práticas agressivas uma empresa praticar, melhor é seu resultado logo, menos ela precisará de capital de terceiros, podendo redistribuir seus recursos em outros investimentos, e sem aumentar a intensidade de seu imobilizado, e quanto maior for seu resultado ao longo do tempo, maior ela se tornará (porte), implicando num maior risco para com essas práticas, causando uma diminuição no nível da agressividade fiscal praticada.

A variável de controle (GR) gerenciamento de resultado não apresentou correlação significativa com a agressividade fiscal do grupo em análise, ou seja, para a amostra em estudo não se pode afirmar que os ETR, proxies para gerenciamento de tributos, tenham correlação com as diferenças entre o lucro contábil e o lucro tributável - BTD.

4.3 RESULTADOS DO MODELO DE REGRESSÃO

Inicialmente, aplicou-se o modelo de regressão múltipla com dados em painel entre as variáveis dependentes e independentes, através de cada modelo recomendados pelos testes (painel fixo ou aleatório) para cada métrica dependente, ETR, *CashETR*, BTD e TTVA, buscando o resultado estatístico da relação da agressividade fiscal com o desempenho das empresas (ROA).

A proposta dessa regressão foi analisar se o desempenho das empresas influencia significativamente o nível de agressividade fiscal das entidades analisadas a partir da amostra composta por 723 observações sendo retratadas as empresas listadas na B3 para o período de 2013 a 2018.

A seguir apresenta-se as análises da relação da agressividade fiscal com a Rentabilidade (ROA).

a) Agressividade Fiscal e Rentabilidade (ROA)

A Tabela 4 evidencia o resultado da regressão com dados em painel com efeito fixo para a agressividade fiscal com a rentabilidade (ROA), onde *** representa coeficiente estatisticamente significativo a 1%, ** a 5% e, * a 10%.

TABELA 4: ANÁLISE REGRESSÃO - AGRESSIVIDADE E ROA

	ETR	CashETR	BTD	TTVA
CEO	-0,074 [0,122]	-2,238 [2,327]	0,015 [0,015]	-22,008 [61,18]
ROA	-1,182** [0,565]	-31,161 [32,122]	0,518*** [0,175]	-458,21** [199,95]
CEO_Roa	0,107 [1,132]	32,475 [33,953]	-0,323* [0,179]	584,64 [494,67]
TAM	0,055 [0,070]	-5,197 [5,597]	0,006 [0,007]	-334,19*** [69,01]
ALAV	0,008 [0,010]	0,143 [0,150]	-0,002 [0,001]	15,957 [9,77]
PPE	-0,085 [0,064]	5,319 [5,626]	-0,013 [0,009]	-4,231 [30,96]
GR	-0,107 [0,327]	10,410 [10,195]	-0,027 [0,027]	-9,270 [140,14]
Cons	0,579 [1,236]	10,367 [16,86]	0,062 [0,104]	5276,22*** [882,04]
Prob > F	0,1014	0,925	0,0005	0,0000
Obs	723	723	723	723

Fonte: Elaborado pela autora

Para a regressão apresentada na Tabela 4, adotou-se como variável explicada a Agressividade Fiscal, mensurada pelas variáveis ETR, *CashETR*, BTM e TTVA e variável explicativa ROA na perspectiva da rentabilidade, sendo utilizada como *proxy* de desempenho organizacional.

De acordo com resultados, observa-se que o ROA apresentou uma relação significativa com a ETR e com 90% de segurança pode-se afirmar que quanto maior a ETR, menor é a agressividade fiscal praticada, logo, menor será o desempenho da empresa na perspectiva da rentabilidade (ROA) e vice-versa, pois quanto maior for a base de cálculo do imposto, menor será o nível de fluxo de caixa, com menor remuneração ao acionista e, menor desempenho. Este resultado coincide com os resultados encontrados nos estudos de Chiachio e Martinez, 2019; Martinez e Renders, 2018; Araújo e Leite Filho, 2019; Laguir e Staglianò, 2014; Hanlon e Heitzman, 2010; Chen et al.,2010.

Corroborados por Hanlon e Heitzman (2010) que em seus resultados evidenciaram que o aumento do desempenho pode ser obtido por meio do planejamento fiscal e, este tem valor preditivo na diminuição do ROA.

A BTM como medida da agressividade fiscal, ao contrário da ETR apresentou resultado estatisticamente significativo com maior de grau de confiança (99%) esta relação é justificada e esperada pela literatura que afirma que BTM é a diferença entre o lucro contábil e o lucro tributável, considerando que, quando o valor dessa medida for significativamente positivo, isso indica uma maior agressividade, logo maior desempenho.

A TTVA indicou maior agressividade, apresentando um resultado estatisticamente significativo com coeficiente negativo (-458,21), semelhante ao da

ETR, com 90% de segurança inferi dizer que quanto menor a TTVA maior é a agressividade fiscal praticada, daí apresentar um coeficiente com sinal contrário a da BTM.

A presença de CEO Contador/Finanças não foi significativa estaticamente, ou seja, não apresentou nenhuma relação de influência com o nível de agressividade fiscal das empresas da amostra, o que pode ser justificado pela postura mais conservadora de profissionais da área no que tange a manipulação de tributos.

A variável de interação da presença de CEO com Roa (CEO_ROA) apresentou o coeficiente estatístico de 10% de significância e com coeficiente negativo (-0,323) com BTM, ou seja, quanto maior a rentabilidade da empresa com influência de CEO formado em contabilidade ou finanças, menor será a BTM, levando a uma prática mais agressiva tributariamente.

Em relação às variáveis de controle, a variável Tamanho (SIZE) apresentou resultado estatisticamente significativo a 1% com coeficientes positivos para a ETR e BTM e coeficiente negativo para TTVA podendo inferir que quanto maior for o porte da empresa, menor é o nível de práticas agressivas de tributos nas empresas da amostra. Em relação a ETR e CashETR, as variáveis de controle adotadas na regressão não apresentaram qualquer nível de significância estatística.

Capítulo 5

5. CONSIDERAÇÕES

A presente pesquisa objetivou analisar se o nível da agressividade fiscal das empresas é afetado positivamente pelo desempenho organizacional quando o CEO tiver formação em contabilidade ou finanças, tomando como amostra a observação de 723 empresas listadas na B3, no período de 2013 a 2018.

Após rodar o modelo de regressão constatou-se que as empresas da amostra têm seu nível de agressividade fiscal diretamente relacionado com o desempenho apresentado por elas, o que vem confirmar as hipóteses H1, que quanto maior agressividade fiscal, maior a rentabilidade das empresas. O resultado da regressão para as variáveis do desempenho (ROA) com a agressividade fiscal, apenas a ETR, BTM e TTVVA foram estatisticamente significativas, ou seja, empresas com maior nível de agressividade fiscal, implicam em uma maior rentabilidade.

Esse resultado é corroborado por Gomes (2016), que discute em seus argumentos que benefícios de posições fiscais agressivas significam tanta redução de obrigações fiscais quanto aumento do fluxo de caixa e do lucro líquido após impostos, proporcionando por fim o aumento da rentabilidade da empresa. Para Tang e Firth (2011), empresas que utilizam benefícios fiscais, pagam menos impostos, aumentando seu desempenho financeiro.

A variável ROA apresentou um coeficiente positivo para o cálculo da BTM, e um coeficiente negativo para a variável ETR, concluindo-se que para esta pesquisa, a BTM capta melhor o nível de agressividade fiscal ao longo do tempo, ou seja, os resultados apurados implicam em dizer que a rentabilidade da empresa é tomada de medida para o uso ou não de práticas da agressividade tributária.

Para hipótese H2, esta não foi confirmada uma vez que os testes estatísticos não evidenciaram uma correlação entre a formação CEO contador/finanças e o nível de agressividade fiscal, contrariando as expectativas.

Quanto a H3, o modelo de regressão rodado para CEO_ROA apresentou resultado estaticamente significativo, embora fraco (10%) com a BTD com sinal do coeficiente negativo, ou seja, empresas com CEO Contador/finanças e que têm desempenho mais alto apresentam menos agressividade, corroborado pelo estudo de Hoitash, Hoitash & Kurt (2016), que evidenciaram que executivos com formação em contabilidade possuem uma postura mais conservadora.

Como resposta à questão de pesquisa, pode-se afirmar que em média, para as empresas da amostra, a agressividade fiscal é afetada positivamente pelo desempenho uma vez que os resultados do estudo mostraram que o aumento do desempenho na perspectiva da rentabilidade implica em um maior nível de agressividade fiscal, promovido por uma boa gestão tributária.

Com os resultados apresentados, espera-se que a pesquisa aqui desenvolvida possa contribuir para novos estudos relacionados à integração entre o nível da agressividade fiscal com a rentabilidade e com a presença de CEO com formação em contabilidade ou finanças, como contribuição prática do estudo, constatou-se que as empresas, independente de porte, buscam estratégias que solidifiquem cada vez mais seus resultados, e entre essas, observa-se o planejamento tributário que, baseado em planejar alternativas para redução da carga tributária não pode se confundir com práticas abusivas levando a empresa a uma possível elisão fiscal.

Recomenda-se, para pesquisas futuras, utilizar-se de outras variáveis de desempenho utilizando-se de outros indicadores de desempenho financeiro, de

mercado ou de estrutura de capital, a fim de encontrar uma possível relação com a gestão tributária.

REFERENCIAS

- Antunes, R M N & Martinez, A L (2018). Agressividade Fiscal e o comportamento da Chief Executive Officer–CEO Feminina no Brasil. *Revista Mineira de Contabilidade*, 19(3), 5-14
- Araújo, Risolene de Macena; Leite Filho, Paulo Amilton Maia (2019). Reflexo Do Nível De Agressividade Fiscal Sobre A Rentabilidade De Empresas Listadas na B3 e NYSE. *Revista Universo Contábil*, 14(4), 115-136.
- Balakrishnan, K., Blouin, J. L., & Guay, W. R. (2019). Tax aggressiveness and corporate transparency. *The Accounting Review*, 94(1), 45-69.
- Beuselinck, C., Blanco, B., Dhole, S., & Lobo, G. J. (2018). Financial statement readability and tax aggressiveness. Available at SSRN 3261115. doi.org/10.2139/ssrn.3261115
- Blouin, J. Defining and Measuring Tax Planning Aggressiveness. *National Tax Journal*, 67(4), pp. 875–900. 2014
- Chen, S.; Chen, X.; Cheng, Q.; Shevlin, T. (2010). Are family firms more aggressive than non-family firms?. *Journal of Financial Economics*, Forthcoming, v. 95, p. 41-61.
- Chen, T., & Lin, C. (2017). Does Information Asymmetry Affect Corporate Tax Aggressiveness?. *Journal of Financial and Quantitative Analysis*, 52(5), 2053-2081
- Chiachio, V. F., & Martinez, A. L. (2019). Efeitos do Modelo de Fleuriet e Índices de Liquidez na Agressividade Tributária. *Revista de Administração Contemporânea*, 23(2), 160-181.
- Custódio, C., & Metzger, D. (2014). Financial expert CEOs: CEO' s work experience and firm' s financial policies. *Journal of Financial Economics*, 114(1), 125-154.
- Degenhart, L., da Costa, D. D. L. C., & Hein, N. (2017). Desempenho econômico-financeiro e remuneração dos diretores executivos das empresas brasileiras. *Enfoque: Reflexão Contábil*, 36(3), 118-135.
- Dechow, P. M., Sloan, R. G., & Sweeney, A. P. (1995). Detecting earnings management. *Accounting review*, 193-225.
- Dyregang, S. D., Hanlon, M., & Maydew, E. L. (2010). The effects of executives on corporate tax avoidance. *The Accounting Review*, 85(4), 1163-1189.
- Formigoni, Henrique; Antunes, Ma Terza Pompa & Paulo, Edilson. Diferença entre lucro contábil e lucro tributável: uma análise sobre o gerenciamento de resultados contábeis e gerenciamento tributário nas companhias abertas brasileiras. *Anais da Enanpad, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2007.*

- Gomes, A. P. M. Características da Governança Corporativa como Estímulo à Gestão Fiscal. *Revista de Contabilidade e Finanças da USP*, v. 27, n.71, p. 149-168, 2016.
- Gounopoulos, D., Loukopoulos, P., & Loukopoulos, G. (2019). CEO education and the ability to raise capital. *Available at SSRN*: <https://ssrn.com/abstract=3373796> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3373796>
- Goncharov, I., & Zimmermann, J. (2005). Earnings Management when Incentives Compete: The Role of Tax Accounting in Russia. *Journal of International Accounting Research*, 5(1), 41-65.
- Halioui, K.; Neifar, S., & Ben Abdelaziz, F. (2016). Corporate governance, CEO compensation and tax aggressiveness: evidence from American firms listed on the NASDAQ 100. *Review of Accounting and Finance*, 15(4), 445-462.
- Hanlon, M; Heitzman, S. A Review of Tax Research. *Journal of Accounting and Economics*, n. 2, p. 127-178, 2010
- Hasan, M. M., Al-Hadi, A., Taylor, G., & Richardson, G. (2017). Does a firm's life cycle explain its propensity to engage in corporate tax avoidance? *European Accounting Review*, 26(3), 469-501. <https://doi.org/10.1080/09638180.2016.1194220>
- Hasan, Francis B ; Wu, Q., & Yan, M. (2014). Are female CFOs less tax aggressive? Evidence from tax aggressiveness. *The Journal of the American Taxation Association*, 36(2), 171-202.
- Laguir, I., & Staglianò, R. (2014). How do powerful CEOs manage corporate tax aggressiveness?. *Economics Bulletin*, 34(3), 1361-1368.
- Lennox, C., Lisowsky, P., & Pittman, J. (2013). Tax aggressiveness and accounting fraud. *Journal of Accounting Research*, 51(4), 739-778.
- Heltzer, W. (2009). Conservatism and book-tax differences. *Journal of Accounting, Auditing & Finance*, 24(3), 469-504. Doi: 10.1177%2F0148558X0902400307
- Higgins, D., Omer, T. C., & Phillips, J. D. (2015). The influence of a firm's business strategy on its tax aggressiveness. *Contemporary Accounting Research*, 32(2), 674-702.
- Hoitash, R., Hoitash, U., & Kurt, A. C. (2016). Do accountants make better chief financial officers?. *Journal of Accounting and Economics*, 61(2-3), 414-432.
- Martinez, A. L. (2017). Agressividade tributária: um survey da literatura. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 11, 106-124.
- Martinez, A. L. & Ramalho, V. P. (2017). Agressividade tributária e sustentabilidade empresarial no Brasil. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, 16(49).
- Martinez, A. L. & Reinders, A.P.G.S. (2018). Qual o efeito da agressividade tributária na rentabilidade futura? Uma análise das companhias abertas brasileiras. *Revista de Gestão e Contabilidade da UFPI*, 5(1), 3-14. <http://doi.org/10.26694/2358.1735.2018.v5ed16485>.

- Martinez, A. L.; Ribeiro, A. C.; Funchal, B. The Sarbanes Oxley Act And Taxation: A Study Of The Effects On The Tax Agressiveness Of Brazilian Firms. In: Congresso Usp De Controladoria E Contabilidade. 15., 2015, São Paulo/Sp. Anais... São Paulo: Usp, 2015.
- Madalozzo, Regina (2011). CEOs e Composição do Conselho de Administração: a Falta de Identificação Pode Ser Motivo para Existência de Teto de Vidro para Mulheres no Brasil. RAC, Curitiba, v. 15, n. 1, art. 7, pp. 126-137, Jan./Fev. 2011.
- Melnyk, S. A., Bititci, U., Platts, K., Tobias, J., & Andersen, B. (2014). Is performance measurement and management fit for the future?. *Management Accounting Research*, 25(2), 173-186.
- Motta, F., & Martinez, A. (2015). Agressividade fiscal em sociedades de economia mista. *Anais da Enanpad, Belo Horizonte, MG, Brasil*, 39.
- Naranjo-Gil, D., Maas, V. S., & Hartmann, F. G. (2009). How CFOs determine management accounting innovation: an examination of direct and indirect effects. *European accounting review*, 18(4), 667-695.
- Noordin, R., Zainuddin, Y., Mail, R., & Sariman, N. K. (2015). Performance outcomes of strategic management accounting information usage in Malaysia: insights from electrical and electronics companies. *Procedia Economics and Finance*, 31(2), 13-25. Doi: 10.1016/S2212-5671(15)01127-2
- Oyadomari, José C. T.; Frezatti, Fábio; Mendonça Neto; Octávio R.; Cardoso, Ricardo L.; Bido. Diógenes de S. Uso do sistema de controle gerencial e desempenho: um estudo em empresas brasileiras sob a perspectiva da resources-based view. REAd, v. 17, n. 2, p. 298-329, mai./jun. 2011
- Ramalho, G. C., & Martinez, A. L. (2014). Empresas Familiares Brasileiras e a Agressividade Fiscal. In *Congresso USP de Controladoria e Contabilidade* (Vol. 14).
- Reinders, A. P. G. S., & Martinez, A. L. (2016). Qual o efeito da Agressividade Tributária na Rentabilidade Futura? Uma análise das companhias abertas brasileiras. In *Anais do Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis*.
- Silva, R. da, & Martinez, A. L. (2017). Restrição financeira e agressividade fiscal nas empresas brasileiras de capital aberto. *Anais do Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis*, Belo Horizonte, MG, Brasil, 11.
- Sincerre, B. P., Sampaio, J. O., Famá, R., & Santos, J. O. D. (2016). Emissão de dívida e gerenciamento de resultados. *Revista Contabilidade & Finanças*, 27(72), 291-305.
- Siqueira, E. B., Cury, L. P., & Gomes, T. S. (2011). Planejamento tributário. *Revista CEPPG-CESUC-Centro de Ensino Superior de Catalão, Ano XIV, 2011*.

- Shipman, J. E., Swanquist, Q. T., & Whited, R. L. (2017). Propensity score matching in accounting research. *The Accounting Review*, 92(1), 213-244. Doi: 10.2308/accr-51449
- Tang, T. Y; Firth, M. (2011) Can book–tax differences capture earnings management and tax Management? Empirical evidence from China. *The International Journal of Accounting*, v. 46, p. 175-204, 2011
- Quirino, M. C. D. O., Moreira, C. S., De Melo, C. L. L., & Mól, A. L. R. (2018). Governança Tributária e o Desempenho Financeiro das Empresas Brasileiras. Congresso USP.